



Luto por suicídio na adolescência



Regilane da Silva Barbosa¹

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Tífane Magalhães Holanda²

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Alessandra Silva Xavier³

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

ID

ID

ID

Resumo

O presente artigo visa compartilhar os relatos obtidos durante as rodas de conversa realizadas em novembro de 2023, pelo Núcleo Interdisciplinar de Intervenções e Pesquisa sobre a Saúde da Criança e do Adolescente (NUSCA). As atividades foram conduzidas com estudantes do ensino médio da rede pública que enfrentavam o luto pelo suicídio de uma colega, em uma escola localizada na cidade de Fortaleza, Ceará. Este trabalho busca refletir sobre a morte e o luto, a partir da perspectiva dos adolescentes que participaram da intervenção, correlacionando suas experiências com a teoria existente sobre o tema. Além disso, pretende-se compreender como tal

¹ **Regilane da Silva Barbosa**, ORCID: <http://orcid.org/0009-0003-4378-5952>

Graduanda do curso de Psicologia - UECE

Contribuição de autoria: Administração do Projeto, Análise Formal, Conceituação, Escrita - Primeira Redação, Escrita - Revisão e Edição, Investigação, Metodologia e Visualização.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6349934429282007>

E-mail: regilane.barbosa@aluno.uece.br

² **Tífane Magalhães Holanda**, ORCID: <http://orcid.org/0009-0008-6747-0628>

Graduanda do curso de Psicologia - UECE

Contribuição de autoria: Administração do Projeto, Análise Formal, Conceituação, Escrita - Primeira Redação, Escrita - Revisão e Edição, Investigação, Metodologia e Visualização.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2735727199273543>

E-mail: tifane.holanda@aluno.uece.br

³ **Alessandra Silva Xavier**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8182-4073>

Três instâncias institucionais

Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de Santiago de Compostela - Espanha. Professora fundadora do curso de Psicologia - UECE.

Contribuição de autoria: Administração do Projeto, Análise Formal, Conceituação, Escrita - Revisão e Edição, Metodologia e Supervisão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4024372217043964>

E-mail: alessandra.xavier@uece.br





fenômeno pode afetar os sobreviventes, ou seja, aqueles com vínculos de natureza parental e/ou afetiva com o falecido, e destacar a importância da atuação da psicologia no enfrentamento do luto por suicídio.

Palavras-chave

Suicídio. Luto. Adolescência.

Bereavement by suicide in adolescence: an experience report

Abstract

The purpose of this article is to share the reports obtained during the conversation circles held in November 2023 by the Interdisciplinary Center for Interventions and Research on Child and Adolescent Health (NUSCA). The activities were conducted with public high school students who were grieving the suicide of a classmate, at a school located in the city of Fortaleza, Ceará. This work seeks to reflect on death and bereavement from the perspective of the adolescents who took part in the intervention, correlating their experiences with existing theory on the subject. It also aims to understand how this phenomenon can affect survivors, i.e. those with parental and/or emotional ties to the deceased, and to highlight the importance of psychology in coping with suicide bereavement.

Keywords

Suicide. Bereavement. Adolescence.

1 Introdução

A discussão a respeito do tema "morte", pode ser considerada complexa socialmente, principalmente por trazer em seu cerne um aspecto aversivo para a maioria dos indivíduos que vivem sob um contexto ocidental. Quando se trata de uma morte por suicídio adentramos em outras problemáticas que dificultam mais ainda o diálogo sobre o tema, como por exemplo o estigma⁴ e preconceito que envolve o suicídio. A morte por suicídio pode fazer com que os sobreviventes, que são pessoas próximas ao sujeito que teve morte por suicídio, vivenciem sentimentos de culpa, silenciamento diante dos julgamentos e falta de acolhimento (Fukumitsu, 2019, p. 29). Falaremos sobre tais assuntos no decorrer desse trabalho como forma de abordar algumas das consequências do suicídio, como este fenômeno pode afetar aqueles que possuíam vínculo com a vítima. Além disso, iremos analisar como o trabalho realizado pela psicologia através da pós-venção, que são as atividades que buscam auxiliar no enfrentamento do luto por

⁴ E. Goffman, "Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada", Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980, p. 6, define "O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo"



suicídio, pode se tornar uma ferramenta imprescindível para prevenir o adoecimento dos sobreviventes. A seguir traremos algumas definições importantes para melhor compreensão e análise do que compartilharemos a respeito do relato de experiência.

O termo “suicídio” possui uma construção histórica e encontra-se envolto em discussões que atravessam desde o campo religioso, moral, filosófico, científico até ser considerado problema de saúde pública. O Ministério da Saúde (2021) descreve que é possível compreender esse fenômeno como multicausal, individual ou coletivo. Já o luto pode ser relacionado a emoções relativas a uma perda, bem como pode ser expresso como o pesar moldado pelas crenças e práticas que uma sociedade possui em relação a perda de um indivíduo (Franco, 2021). Diante disso, a perda de alguém por suicídio traz consigo, além do luto e suas implicações, sentimentos como impotência, culpa e, principalmente, questionamentos que nunca poderão ser respondidos (Fontenelle, 2008).

Fukumitsu (2019) afirma que o termo “sobrevivente” se designa a “[...] qualquer pessoa em processo de luto, impactada pelo suicídio” (p. 21) possuindo vínculo familiar, afetivo e/ou profissional com o falecido. Para cada morte por suicídio, cerca de cinco ou seis pessoas próximas tem suas vidas profundamente afetadas, seja no âmbito social, econômico e/ou emocional (Botega, 2015). Segundo o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2013), o fato de se ter um vínculo com alguém que se matou já coloca o sobrevivente em risco de uma futura morte por suicídio. Sendo assim, os sobreviventes podem sofrer com sentimentos negativos, como culpa, raiva, tristeza, desamparo, impotência, que podem desencadear um estado de profundo sofrimento. Somando-se a esses sentimentos, na adolescência, principalmente em um contexto de vulnerabilização, temos fatores que podem ser considerados agravantes: desigualdade social, falta de atendimento psicológico, exposição a diversos tipos de violências, bullying, abuso sexual, cobrança excessivas, entre outros.

O Núcleo de Intervenções e Pesquisas Sobre a Saúde da Criança e do Adolescente (NUSCA), foi fundado em 2017 com o objetivo de realizar pesquisas acerca da saúde mental de crianças e adolescentes. A partir de 2018, o núcleo desenvolveu um novo projeto voltado para a extensão, em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará, formando uma equipe denominada Guardiões da Vida na



Escola. O projeto tinha como objetivo principal promover encontros mensais nas escolas da rede estadual, com uma equipe fixa de três membros, que estariam continuamente dialogando sobre temáticas relacionadas à saúde mental e à prevenção ao suicídio, promovendo um espaço de fala e escuta aos alunos. Sob a luz dessa parceria, surgiu a metodologia utilizada nas intervenções. Atualmente, o NUSCA mantém esse formato de intervenção, no qual três membros que participam de grupos de estudos, reuniões de planejamento e supervisão no núcleo, mediam uma roda de conversa com cerca de 15 a 20 adolescentes, promovendo um espaço de fala sobre temáticas relacionadas à autoestima, homofobia, vínculos familiares, racismo, entre outros temas que pouco são debatidos dentro e fora do contexto escolar. Tal fato relaciona-se às premissas de que o cuidado e o vínculo oferecem espaços valiosos para a elaboração do vivido, transformação e construção de recursos psíquicos para lidar com o doloroso da existência.

Por fim, a partir das experiências vivenciadas dentro da instituição de ensino assistida pelo trabalho desenvolvido pelo NUSCA, as autoras, estudantes do curso de Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará que atuam como extensionistas dentro do núcleo, puderam ouvir relatos de adolescentes sobre como lidaram com a perda de uma colega da mesma escola que faleceu por suicídio. Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo relatar e refletir, a partir de tais experiências, a respeito do luto por suicídio enfrentado por adolescentes, buscando relacionar a vivência das práticas advindas do projeto de extensão com a teoria a respeito de tal fenômeno. Além disso, traremos, de forma construtiva, como a atuação da psicologia na pós-venção, que pode ser definida como um conjunto de atividades ligadas ao cuidado, intervenção e a prevenção da vida dos sobreviventes, pode ser descrita como imprescindível e necessária. Buscando promover, de forma interventiva, um ambiente seguro de escuta, prevenção de repetição do ato suicida, valorização da vida e validação dos sentimentos vivenciados por adolescentes no enfrentamento do luto por suicídio.

2 Metodologia



Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva. Nesse sentido, Severino (2007) discorre a respeito do conceito de estudo descritivo, que possui como principais critérios, a busca por registrar e analisar a problemática da pesquisa, identificando suas causas e consequências, por meio da interpretação dos dados coletados no decorrer da formação do projeto. Dessa forma, este trabalho se propõe a explorar a temática do luto através das experiências vivenciadas no contexto escolar, utilizando a metodologia proposta pelo NUSCA. Essa abordagem proporciona aos estudantes participantes do projeto, um espaço de acolhimento para compartilhar as experiências vividas na adolescência.

O procedimento para a coleta de dados se deu a partir de intervenções com rodas de conversas com esses adolescentes dentro do contexto da instituição, no qual os participantes poderiam dialogar sobre os assuntos que lhe traziam mais embates em relação ao período da adolescência. A partir desse cenário, a atividade foi se estendendo para o relato da experiência deles em relação ao suicídio de uma colega de sala, que ocorreu no início do ano de 2023 e que trouxe à tona uma série de questões relacionadas a depressão, ansiedade e violência⁵.

A primeira amostra foi construída a partir de duas rodas de conversa, durante duas semanas, em novembro do ano de 2023. Além disso, os participantes expuseram o seu ponto de vista em relação ao caso, entretanto, por respeito ao direito de privacidade e em conformidade com os princípios éticos envolvidos na produção deste projeto, os nomes dos indivíduos e da instituição não serão mencionados ao longo deste estudo. Por fim, é importante destacar que apesar de terem acontecido apenas dois encontros com duração de uma hora cada, pudemos identificar de forma efetiva as características do luto por suicídio e assim se originou a idealização do presente artigo.

A segunda amostra do estudo foi constituída por materiais de pesquisa oriundos do banco de dados da biblioteca virtual Scielo, utilizando-se dos seguintes descritores: adolescência; luto; suicídio; posvenção; morte escancarada; suicídio na adolescência e tabu. Assim, os artigos foram incluídos na pesquisa a partir dos seguintes

⁵Ação ou efeito de empregar força física, intimidação moral ou ato violento. Oxford Languages, 2024.



critérios: materiais produzidos e/ou traduzidos para o idioma português e disponibilizados de forma online. Nesse sentido, foram utilizadas fontes de estudos realizadas por outros autores, com o objetivo de oferecer às pesquisadoras uma base teórica consistente, da qual se fez necessária na construção da proposta temática escolhida.

4 Resultados e discussões

A adolescência é um momento de intensas construções psíquicas que implicam na elaboração de diversos lutos: pelo corpo infantil, pelo lugar junto à família, pelas mudanças dos processos identificatórios e que envolve a necessidade de reconfigurar agressividade e novos lugares diante dos processos de desenvolvimento. Além disso, as exigências feitas na adolescência como por exemplo escolha profissional, projeto de vida, construção de intimidade, relacionamento grupal, sexualidade, processos de identificação, ressignificação dos vínculos familiares, posicionamento diante da leitura do mundo e da sociedade torna os processos desse momento bastante complexos e é imprescindível abordar luto quando se fala de crescimento.

O NUSCA realiza atividades de extensão focadas no atendimento psicológico em contexto escolar de grupo de adolescentes. As atividades acontecem em formato de intervenção grupal direcionada por três estudantes de psicologia, tendo como objetivo alcançar, de forma efetiva, o público adolescente e direcionar uma atenção maior a essa etapa da vida humana, bem como proporcionar acesso a atendimento psicológico gratuito, de qualidade e de forma contínua. A partir de uma dessas atividades, realizada em uma escola de ensino integral, fora abordada a temática do luto, devido à experiência desses alunos com o falecimento recente, por suicídio, de uma colega de turma.

Nesse contexto, uma das jovens que estava presente relatou que se sentia culpada por não ter notado sinais que poderiam impedir a morte auto infligida da jovem. A literatura, a respeito desse assunto, menciona que o sentimento de culpa é comumente presente na vivência do luto por suicídio (Fukumitsu & Kovács, 2016; Rocha & Lima, 2019; Fukumitsu, 2019; Scavacini, 2021; CFP, 2013), sendo esse sentimento muitas



vezes acompanhado de impotência por não ter conseguido impedir ou prevê que a vítima planejava a própria morte. Fukumitsu & Kovács (2016), através de um estudo realizado com nove filhos de pessoas que tiveram morte por suicídio, trazem que a imprevisibilidade do acontecimento coloca os sobreviventes num estado de “[...] impotência, acusações e culpa” (p. 6) e pode resultar em “[...] reações intensas que variam entre raiva e isolamento social” (p. 6). Em um momento específico um dos participantes do grupo menciona que se estivéssemos ali antes, poderíamos ter impedido o ato, sendo esse, um indicativo de sentimento de impotência ou direcionamento de culpa. Além disso, os sobreviventes podem sofrer com estigmas que atravessam a morte por suicídio, sejam religiosos, sociais e culturais, além de preconceito, vergonha, embaraço social, culpa, o que naturalmente pode potencializar o sofrimento no processo do luto.

Ademais, a incerteza sobre o que poderia ter causado grande sofrimento na adolescente, que resultou na decisão de pôr fim à própria vida, foi um dos questionamentos levados para o grupo. Nesse sentido, Fukumitsu (2019) afirma que os sobreviventes buscam uma explicação para a morte, sendo a falta de informações sobre o que poderia ter ocasionado a morte auto infligida considerada um dos aspectos que mais traz sofrimento ao sobrevivente: “[...] As hipóteses surgem como explicações que preenchem o vazio do mistério do suicídio, e cada enlutado processará o ato de maneira diferente” (p. 40). A autora ainda complementa que o sentimento de impotência pode se tornar presente por conta do sobrevivente não ter conseguido impedir tal ato, possuindo a sensação que suas perguntas nunca serão respondidas.

Outro ponto interessante trazido por meio do relato de um dos adolescentes, é de que a vítima era muito isolada da turma, mas que depois da sua morte, ele sentia que um vazio enorme ocupava a sala de aula. Esse jovem em questão, estudava na mesma sala da vítima. Fukumitsu & Kovács (2016) nomeiam esse fenômeno como ausência presente, que acontece quando o indivíduo em sofrimento é percebido como isolado e sozinho, porém após a morte, essa pessoa passa ocupar um local de presença na vida dos sobreviventes, mesmo que anteriormente não “fosse” tão presente. A partir disso, os sobreviventes podem significar a presença do falecido através de memória dos



momentos vividos e lembranças, mesmo que em menor número. Sob essa perspectiva, os alunos afirmavam que mesmo depois da partida da colega, não se sentiam confortáveis em ocupar a mesa que a colega costumava ficar dentro da sala de aula, demonstrando o respeito que eles possuem pelos hábitos que a jovem costumava possuir.

Um detalhe que dificulta ainda mais no processo de perda e luto, é o fato do suicídio da vítima ter sido registrado e exposto na internet. Sob essa perspectiva, Kovács (2005) destaca um paralelo entre a cultura da morte, inicialmente um fenômeno tabu na sociedade a partir do século XX, e sua subsequente evidência mais explícita no início do século XXI, principalmente em função do avanço dos meios de telecomunicação, da mídia e da popularização da internet. Nesse sentido, forma-se um paradoxo entre uma geração que foi criada culturalmente para censurar qualquer comunicação relativa à morte e uma geração que está sendo formada a partir da exposição de cenas de violência, mortes, homicídios, acidentes e doenças.

A exposição da morte por suicídio de um indivíduo, ao mesmo tempo que choca pela brutalidade e violência, é tratada como um material de especulação e curiosidade por quem está inserido nesse contexto. No relato apresentado pelos adolescentes, foi descrito que a amiga mais próxima da vítima recebeu o vídeo do suicídio por meio de um aplicativo de mensagens, o que ocasionou na visualização, pois o vídeo foi enviado de forma que não podia saber do que se tratava. A exposição de um material tão brutal a um sujeito que já estava fragilizado com a perda de um ente querido, pode ter potencializado sua dor. Questiona-se, a partir desse relato, qual seria o propósito em divulgar um material tão violento na internet e principalmente, compartilhar aos entes queridos que estão passando pela dor do luto. Diante dessa questão, Kovács (2008) relata que a necessidade em consumir mídias relacionadas à morte, provoca uma espetacularização em relação ao tema (p. 465). Diante de um contexto no qual houve o registro de um suicídio tão violento, a forma como a cultura de exposição da morte está inserida no cotidiano de uma sociedade, afeta diretamente os sobreviventes. Sendo assim, faz-se importante o combate ao sofrimento decorrente do luto por suicídio, que é a proposta da pós-venção.



Fukumitsu & Kovács (2016 *apud* Flexhaug & Yazganouglu, 2018) definem pós-venção como as atividades que tem como objetivo atenuar e prevenir as consequências pela perda por suicídio, tanto de pessoas próximas quanto de gerações futuras. No que se refere às principais atividades na pós-venção, podemos citar: auxiliar no processo de luto; desencorajar o planejamento ou ideação suicida (Saraiva, 2010); ajudar o sobrevivente a encontrar significado para a perda e aprender a lidar com a ausência do ente querido (Rückert *et. al.* 2019). Ou seja, a pós-venção se propõe a ampliar as ações de prevenção da vida daqueles que são considerados sobreviventes do suicídio.

Dessa forma, afim de ampliar a discussão a respeito do tema, traremos alguns números importantes sobre as mortes por suicídio no Brasil. Segundo o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde (2021), entre 2010 e 2019, ocorreram cerca de 112 mil mortes por suicídio e apresenta maior taxa na faixa etária de 15 a 19 anos. A adolescência e as mudanças decorrentes do início da vida adulta, são apontadas como as etapas nas quais podem ocorrer o início de comportamentos suicidas. Alguns estudos apontam para os fatores que podem contribuir para tal comportamento, sendo esses: depressão, baixa autoestima, isolamento social, violência intrafamiliar, abuso físico/sexual, ansiedade, *bullying*, uso de substâncias psicoativas, abuso de álcool e exposição a violência (Mahumud *et. al.* 2021; Moreira & Bastos, 2015; Ribeiro & Moreira, 2018).

Segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria - ABP (2019), nove em cada dez casos de morte por suicídio poderiam ter sido evitadas com um trabalho preventivo. Como mencionado anteriormente, através do estudo feito por Rückert *et. al.* (2019), pode se perceber que a morte por suicídio pode afetar de 5 a 10 pessoas gravemente, ou seja, percebe-se que há um indicativo de aumento do número de afetados, como consequência do suicídio. Sendo assim, o trabalho da psicologia através da pós-venção vem como medida para atenuar o sofrimento dos sobreviventes e suas atividades visam acolhimento e cuidado. Inicialmente, a pós-venção se utiliza de uma linguagem respeitosa, sem julgamentos e nem acusações, como forma de ampliar as medidas de prevenção à vida dos sobreviventes. Não falar sobre a morte é algo comum em



enlutados por suicídio, devido ao estigma imposto socialmente que acompanha esse tema, sendo necessário desmistificar o assunto, através do diálogo, para que o enlutado possa se sentir à vontade para falar sobre isso. Referente ao trabalho desenvolvido através da pós-venção, Fukumitsu (2019) afirma que a escuta, o cuidado e o acolhimento são as maiores ferramentas geradoras de vínculos, sendo esses tão necessários para dar ao indivíduo enlutado possibilidades de aprender a lidar com o sofrimento e a ausência do ente querido. Além disso, rituais fúnebres, apoio familiar, participação em grupos de apoio, se tornam fundamentais para enfrentamento do luto.

Por fim, o estudo a respeito da pós-venção possibilita que entendamos, de forma prática, como deve ser desenvolvido o trabalho de acolhimento e intervenção pós-suicídio para os sobreviventes. Fukumitsu (2016) destaca que o trabalho em grupo se torna imprescindível por favorecer a escuta, troca de experiências e compartilhamento de dor, fazendo com que o enlutado ressignifique seus pensamentos e sentimentos. Ao falar, o enlutado quebra o silêncio e cria conexões fazendo com que o indivíduo elabore recursos para lidar com o luto, sendo esse, o objetivo do trabalho desenvolvido pelo NUSCA com os adolescentes. Esse projeto possibilitou a esses adolescentes uma escuta qualificada, sendo capaz, por meio da fala/escuta, de contribuir para o compartilhamento de informações, diminuição dos fatores de risco, desmistificação do fenômeno e prevenção da vida.

5 Considerações finais

Conclui-se, portanto, que a adolescência, como fase crucial do desenvolvimento humano, merece uma atenção especial em relação ao luto. Dessa forma, destaca-se, nesse relato de experiência, os desafios enfrentados pelos sobreviventes por suicídio, e como tais empecilhos são intensificados pelas transformações que o indivíduo perpassa durante a adolescência. Tal estudo, tem como finalidade analisar, refletir e descrever como a morte por suicídio se mostra presente durante essa fase do desenvolvimento, e de que forma ela pode influenciar no convívio dentro e fora da escola. Ademais, a exposição da morte na internet, por sua vez, ressalta a necessidade de repensar a forma como lidamos com esse tema na sociedade contemporânea, evidenciando como cada



vez mais estamos expostos a arquivos de mídia com um teor violento e brutal, que afeta diretamente o psicológico do indivíduo. Em paralelo a isso, destaca-se a normalização da morte escancarada nas plataformas midiáticas, bem como o seu compartilhamento por meio da internet, potencializando ainda mais a dor e o sofrimento do enlutado.

A pósvenção emerge como uma ferramenta crucial na mitigação do sofrimento decorrente do luto por suicídio, visando tanto atenuar as consequências imediatas da perda quanto prevenir potenciais desdobramentos para as gerações futuras. A pósvenção não apenas busca proporcionar suporte emocional aos enlutados, mas também desafia o estigma social associado ao suicídio, promovendo um ambiente propício para o diálogo e a expressão dos sentimentos. Por meio de práticas como escuta ativa, apoio familiar e participação em grupos de apoio, a pósvenção oferece uma trajetória de recuperação e ressignificação do luto, contribuindo para a prevenção e fim da perpetuação do ciclo de sofrimento. Por fim, este estudo evidencia a vulnerabilidade psicológica enfrentada por muitos adolescentes na periferia, destacando a exposição à violência de natureza física, psicológica, moral e sexual, a falta de recursos que acabam agravando o sofrimento dos enlutados, ao não possibilitar o apoio crucial para atravessar o processo de luto de maneira saudável.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP). *Suicídio: informando para prevenir*. Brasília: CFM/ABP, 2019.

BERTOLETE, J. M. *O suicídio e sua prevenção*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BOTEGA, N. J. Crise suicida. *Artmed*. 2015.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil. v. 52, nº 33, set. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *O suicídio e os desafios para a psicologia*. Brasília: CFP, 2013.

FILHO, O. C. S. & MINAYO, M. C. S. *Triplo tabu: sobre o suicídio na infância e na adolescência*. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, nº 7, p. 2693-2698, 2021.





FONTENELLE, P. *Suicídio: o futuro interrompido – guia para sobreviventes*. São Paulo: Geração Editorial, 2008.

KOVÁCS, M. J. *Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer*. Paidéia. Universidade de São Paulo, v. 18, n. 41, p. 457-468, 2008.

KOVÁCS, M. J. *Educação para a Morte*. Psicologia, Ciência e Profissão, v. 25, nº 3, p. 484-497, 2005.

FRANCO, M. H. P. *O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno*. São Paulo: Summus Editorial, 2021.

FUKUMITSU, K. O. *Sobreviventes enlutados por suicídio: cuidados e intervenções*. São Paulo: Summus Editorial, 2019.

FUKUMITSU, K.O. & KOVÁCS, M. J. *Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio*. Porto Alegre: Psico, v. 47, n. 1, p. 3-12, 2016.

ROCHA, P. G. & LIMA D. M. A. *Suicídio: Peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo*. Psicologia Clínica. Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 323-344, 2019.

RUCKERT, M. L. T.; FRIZZO, R. P.; RIGOLI, M. M. *Suicídio: a importância de novos estudos no Brasil*. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, v. 15, n. 2, p. 85-91, 2019.

SARAIVA, C. B. *Suicídio: de Durkheim a Shneidman, do determinismo social à dor psicológica individual*. Psiquiatria Clínica, v. 31, n. 3, p. 185-205, 2010.

SCAVACINI, K. *História de Sobreviventes do Suicídio*. São Paulo: Instituto Vita Alere, Benjamin Editorial, 2018.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.



EXTENSÃO VIVA!

REVISTA DE EXTENSÃO E CULTURA DA UECE

